

**AS NARRATIVAS PRÉ-JORNALÍSTICAS DE COLOMBO: A  
PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA REPRESENTAÇÃO DO OUTRO  
ONTEM E HOJE**

**Eduardo Comerlato<sup>1</sup>**

**RESUMO**

Entendendo as narrativas como espaços de representação social repletos de produções simbólicas, o trabalho retorna às Grandes Navegações para analisar os textos de Cristóvão Colombo, navegador que reportou o descobrimento da América em cartas e diários com prenúncios do que viria a se tornar o jornalismo de hoje. Funcionando como notícias primitivas em circulação graças à invenção da prensa de tipos móveis de Gutenberg, as narrativas do navegador produziram sentidos especialmente ao descrever os povos indígenas com pré-julgamentos e estereótipos, formando aspectos de exotismo que viriam a se ligar com o genocídio perpetuado nos anos posteriores. Para o estudo, abordamos como o formato narrativo opera no imaginário sociocultural, sendo capaz de produzir sentidos, como feito nos séculos dos descobrimentos, e também de recriá-los e mantê-los em circulação, como as narrativas jornalísticas ainda fazem ao não representar devidamente a verdadeira alteridade dos povos originários de nosso continente.

**PALAVRAS-CHAVE:** jornalismo; narrativa; história comunicacional; produção de sentidos; alteridade.

**COLUMBUS'S PREJOURNALISTIC NARRATIVES: THE PRODUCTION OF  
MEANINGS IN THE REPRESENTATION OF OTHERNESS YESTERDAY AND  
TODAY**

**ABSTRACT**

Understanding the narratives as places of social representation with symbolic productions, the work returns to the Age of Discovery to analyze the texts of Christopher Columbus, navigator who reported the finding of America in letters and diaries with foreshadows of what would become today's journalism. Functioning as primitive news in circulation thanks to the invention of the Gutenberg type press, the navigator's narratives produced meanings especially when describing indigenous peoples with pre-judgments and stereotypes, forming aspects of exoticism that would lead to the genocide perpetuated in the next years. For the study, we approach how the narrative format operates in society imaginary's, being able to produce meanings, as it was in the centuries of the discoveries, and also to recreate and keep them in circulation, as journalistic narratives still do by not representing the true otherness of the peoples of our continent in news.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).  
Integrante da Linha de Pesquisa de Linguagem e Práticas Jornalísticas. E-mail: educomerlato@hotmail.com.

**KEYWORD:** journalism; narrative; communication history; creation of meaning; alterity.

## **INTRODUÇÃO**

Podemos dizer que o jornalismo atual não foi concebido instantaneamente. Com a tarefa complexa de representar a realidade, a prática foi se moldando e acumulando atributos ao longo de diferentes eras até chegar ao cenário que conhecemos hoje. Entre os períodos que fundamentalmente contribuíram para isso, tivemos um momento específico da humanidade que aderiu contornos jornalísticos para as narrativas e sua circulação: as Grandes Navegações. Neste intervalo muitos textos reportaram os descobrimentos durante as expedições marítimas dos séculos XV e XVI.

Embora ainda se trate de uma prática discursiva prévia do formato noticioso atual, essas narrativas são consideradas próximas do jornalismo por autores como José Marques de Melo (2012), Jorge Pedro Sousa (2008) e Maria Cecília Guirado (2001), que estudam as origens da profissão. Segundo as suas concepções, as essências dos textos das Grandes Navegações se assemelham às notícias e reportagens de agora por compartilharem de atributos como a veracidade informativa e a atualidade, sempre tratando de temas de interesse público. Entre as obras do passado que se encaixam nessas circunstâncias, temos os escritos de Cristóvão Colombo (1892, 2013), navegador que, segundo a perspectiva europeia, descobriu a América e narrou seus feitos em cartas e diários. A escolha pelos textos do genovês parte tanto de sua importância histórica, pois foi o primeiro a escrever sobre o novo continente, quanto do caráter informativo e da popularidade de seu material, que no fim do século XV, rapidamente se espalhou pelo velho continente com a recente invenção da prensa de tipos móveis. Dessa forma, em sua época, tais narrativas eram fontes de conhecimento para quem quisesse saber sobre as terras descobertas.

Esse processo informativo pode ser visto em um recorte específico que é o âmago de nossa análise: a representação do Outro indígena. Com costumes diferentes e gerando curiosidades nos colonizadores, os nativos americanos foram noticiados por Colombo

(1892, 2013) com pré-julgamentos que passaram a compor o imaginário europeu com aspectos de exotismo, em um processo que viria a desembocar na colonização, tentativa de catequização e no cruel genocídio perpetuado nos anos seguintes. Levando isso em conta, o artigo resgata trechos em que o navegador descreveu a fisionomia e o comportamento indígena, construindo uma imagem depreciativa que pode ser vista em dois de seus textos: a carta que anunciou o descobrimento da América, impressa em diferentes edições durante sua época e que hoje pode ser acessada em compilações, como *Relaciones y cartas de Cristóbal Colón* (1892); e os *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento* (2013), onde houve o registro dos acontecimentos de todas as excursões do navegador. Aqui, analisamos o conteúdo relacionado à primeira viagem, que descreve a cena do descobrimento e, por isso, é mais famosa.

Ao entendimento da pesquisa, as narrativas do navegador aderiram contornos socioculturais marcantes por descreverem inadequadamente os povos de nosso continente, com estereótipos que foram usados para justificar o assimilacionismo e o decorrente silenciamento cultural das civilizações mesoamericanas, tidas pelos europeus como inferiores culturalmente. Para projetar como essas cargas simbólicas podem ter operado no imaginário da época, que foi tomado pelas histórias que falavam das descobertas, foi realizada uma revisão de literatura de estudos sobre o formato narrativo como um produtor de sentidos. Com o suporte de autores como Lobato (2017), Ricoeur (2010), Resende (2009, 2011) e Motta (2005, 2008), podem-se refletir acerca das narrativas enquanto representações sociais, que produzem conhecimentos e reconfiguram a vida das civilizações de acordo com suas informações e operações simbólicas. No caso de nosso objeto de estudo, entende-se que essa representação foi feita de maneira nociva, pois está povoada por preconceitos e estereótipos de uma suposta excentricidade dos americanos, um rótulo indevido que se projetou para fora do texto e persiste até hoje em muitas narrativas e em nossa sociedade.

Assim, para trazer essa reflexão histórica ao presente, realizou-se uma revisão bibliográfica de estudos científicos para investigar se as representações indígenas feitas

nojornalismo brasileiro de hoje se diferem dos preconceitos do passado. Embora não seja uma comparação com traços geográficos precisos – pois estamos falando de estudos brasileiros, enquanto Colombo (1892, 2013) narra as etnias mesoamericanas –, o exercício comparativo é pertinente e busca dialogar com trabalhos recentes sobre questões de alteridade em narrativas atuais, que foram acessados a partir de uma busca na plataforma de base de dados do Google Acadêmico. Dessa forma, com o suporte de Mendes (2019), Melo (2008), Gomes (2011, 2017) e Batista, Silva e Simas (2015), revisamos estudos que refletem acerca da imagem atual dos povos nativos do Brasil dentro das vozes jornalísticas. Portanto, em sua conclusão, o artigo procura identificar problemáticas de alteridade indígena e potenciais silenciamentos contemporâneos, que podem ter sido transportados de ontem para hoje pelos entremeados dos discursos jornalísticos.

## **O PRÉ-JORNALISMO DAS GRANDES NAVEGAÇÕES**

Durante os séculos XV e XVI, o povo europeu se lançou ao mar com ideais mercantilistas, buscando novas formas de riqueza, rotas e parceiros comerciais. Com isso, um período de expansão ultramarina se iniciou, ocasionando o descobrimento da América e suas regiões. Na vanguarda, tivemos o genovês Cristóvão Colombo (1892, 2013), que, com o financiamento dos Reis da Espanha, desembarcou em 12 de outubro de 1492 na região central do novo continente, mais especificamente na ilha Guanahani, a qual tomou posse e batizou de São Salvador. Além dele, outros nomes protagonizaram expedições que entrariam posteriormente para a história, como Vasco da Gama, Juan Diaz de Solis, Fernão de Magalhães e Pedro Álvares Cabral, tido como o descobridor do Brasil em 1500.

Dentro desse momento crucial para a humanidade, que vivia a efervescência do Renascimento na Europa e buscava encontrar seu lugar no globo, tivemos novidades nas práticas narrativas produzidas pelas civilizações envolvidas nas Grandes Navegações. Isso ocorreu, pois dentro das embarcações que deixavam o velho continente, costumava-se ter



a presença de passageiros que registravam os feitos das ousadas rotas. Dessa forma, todos os acontecimentos das viagens – incluindo os próprios descobrimentos – eram postos em diários, cartas e outros formatos discursivos, que contavam sobre as expedições e permitiam que os europeus tomassem conhecimento das viagens. As escritas, portanto, partiam das vivências dos navegadores, que interpretavam e selecionavam o que os interessava diante das novidades:

São testemunhos da experiência, são narrativas que se assemelham a um tipo de literatura que resgata o momento presente. Um tipo de literatura inaugural, produzida por homens que, vivendo num outro clima social e mental, são forçados a aprender uma nova escola de valores para julgar as coisas e os acontecimentos. Poder-se-ia dizer que estes navegantes, transformados em repórteres de última hora, não possuíam o saber dos eruditos, mas obrigaram-se a técnica de traduzir os novos fenômenos que se lhes apresentavam (GUIRADO, 2001, p. 22).

Nesse contexto, tivemos obras célebres que se destacaram ao descrever a América durante o período. Algumas das mais exemplares foram feitas por nosso objeto de estudo: Cristóvão Colombo (1892, 2013), considerado o descobridor do continente pela ótica europeia. Além de ser o primeiro a encontrar a rota marítima, ele também produziu os primeiros relatos sobre as novas terras.

Com a informação posta em diários e cartas, enviadas à monarquia e conhecidos, os textos do genovês fazem parte daquilo que José Marques de Melo (2012) e Jorge Pedro de Sousa (2008) consideram como “fenômenos do pré-jornalismo praticados durante o Renascimento”, contando com intuítos noticiosos através de seus formatos discursivos. Assim, a escolha por Colombo (1892, 2013) como parte de nosso estudo advém não só de sua importância histórica e popularidade, tendo sido um material com bastante impacto em seu tempo, mas também por exibir um discurso com essências noticiosas, em uma nova forma de escrita que estava por surgir.

Por exemplo, dentro de seus relatos, Cristóvão Colombo (1892, 2013) trata de representar os cenários com descrições e detalhes para trazer o leitor à cena do descobrimento, noticiando os espaços e as ações humanas. Alumbrado com o paraíso onde acabava de chegar, ele não poupou adjetivos e comparações para representar a flora

mesoamericana. Ainda que acreditasse estar nas Índias, o genovês tinha a certeza de que tratava-se de um verdadeiro paraíso materializado na terra e, portanto, deveria ser relatado:

As terras são altas, e nelas há muitas serras e montanhas altíssimas, sem comparação com a ilha de Tenerife; todas são muitíssimo lindas, de mil encontros e todas percorríveis, e cheias de árvores de todos os tipos e altas, e parecem que chegam até o céu; e me disseram que jamais perdem as folhas, pelo que pude compreender, que as vi tão verdes e tão belas como são as árvores em maio na Espanha, e estavam floridas, com frutos e condições segundo são suas qualidades; e os rouxinóis e outros passarinhos de mil formas cantavam no mês de novembro que por ali eu andava. Há palmeiras de seis ou oito tipos, que são admiráveis de se olhar, por suas deformidades lindas, mas assim como as outras árvores e frutos e ervas. Nelas há pinhais maravilhosos e campos extensos, e há mel, e muitas espécies de aves e muitas frutas diversificadas. (COLOMBO, 1892, p. 186, tradução nossa)

Ainda quanto àquela viagem, Colombo (1892, 2013) também anotou as ações de sua tripulação no novo continente em representações miméticas, contando episódios que envolviam procura por ouro e incursões que buscavam descobrir se as novas ilhas eram extensas. Um dos exemplos é quando os ibéricos formam uma das primeiras habitações europeias na América: “tomei posse de um vilarejo grande, o qual pus o nome de Vila de Navidad; e nele montei forças e fortalezas” (COLOMBO, 1892, p. 190-191, tradução nossa). Nesse tom, as narrativas experimentais do navegador seguem falando sobre a chegada nas ilhas do Caribe com muitas descrições, apresentando uma capacidade de transportar o leitor ao local dos acontecimentos através das palavras.

Para Maria Cecília Guirado (2001), que estudou os relatos do descobrimento do Brasil, como a carta de Pero Vaz de Caminha, as narrativas se aproximam do jornalismo de hoje na medida em que contêm conceitos fundamentais da prática, como “a atualidade, o interesse (do público), a veracidade/objetividade e a facilidade de assimilação ou clareza do texto” (GUIRADO, 2001, p. 53-54). É inegável que os textos de Colombo (1892, 2013), de um modo ou de outro, englobam estes atributos, ao passo que ele faz seus retratos pensando em ser fiel à realidade. Muito inspirado em Marco Polo, nota-se a vontade do navegador em contar suas experiências para registrar e difundir os acontecimentos, bem como as notícias e reportagens de hoje proporcionam.

Contudo, não foram apenas características textuais que trouxeram proximidade aos conceitos jornalísticos de hoje, dado que houve um fator externo que contribuiu para a distribuição dos escritos: a invenção da prensa de tipos móveis, feita por Johannes Gutenberg no século XV. Pela primeira vez na história, o povo europeu passou a contar com uma maior circulação de textos, algo possível graças ao novo mecanismo de impressão tipográfica. Embora a prensa de tipos móveis tenha surgido com fins de reproduzir livros – como a própria Bíblia, primeiro trabalho publicado por Gutenberg entre 1450 e 1455 –, a invenção permitiu um maior acesso ao conhecimento em geral, dado que vários formatos literários embarcaram de carona nessa possibilidade de propagação.

Entre eles, muitas impressões eram provenientes dos relatos informativos dos navegadores, que partiam do testemunho para contar sobre o novo mundo de modo pré-jornalístico. De acordo com autores como Antonio Hohlfeldt (2015) e José Tengarrinha (2013), esse era um dos temas de maior interesse do crescente público leitor que surgia, que aguardava os textos dos desbravadores para saber sobre os ocorridos e visualizar as novas terras encontradas nas expedições com suas descrições. Assim, um dos grandes exemplos de autores das Grandes Navegações foi justamente Cristóvão Colombo (1892, 2013).

Embora o período esteja distante de nós, é reconhecido que os escritos do genovês rapidamente se tornaram populares no velho continente. De acordo com Maria Cecília Guirado (2001), os textos do navegador ganharam pelo menos 21 edições impressas nos polos tipográficos da Europa até 1500. Apenas em 1493, ano em que a primeira expedição terminou, onze versões da carta enviada para Luis de Santángel, que contava sobre o descobrimento, tomaram forma e se espalharam por Espanha, Itália, França, Suíça e Holanda, segundo mapeamento feito por Matthew H. Edney (1996). Por mais que nos anos seguintes outros narradores também viriam a ganhar destaque, os materiais de Colombo (1892, 2013) foram uma das únicas vias que os europeus tinham para saber sobre a América na transição entre os séculos XV e XVI.

Se nos colocarmos naquele período, podemos idealizar que, na medida em que os

textos começam a circular pela Europa, eles se parecem com notícias e reportagens que atualizam o mundo para os leitores, sendo um espaço de representação da realidade e seus acontecimentos recentes. Assim, como um tema de interesse público, as descrições das viagens para as novas regiões geravam muitas curiosidades, e havia um determinado assunto que se destacava no imaginário europeu: havia outros povos que habitavam as terras além-mar? Ou, seguindo as lendas medievais, havia sinais de monstros, ciclopes, sereias e outras criaturas mitológicas nas localidades desconhecidas? Nesse cenário, as narrativas dos descobridores tinham essa espécie de pauta a responder, dado que, ao chegarem à América, eles se depararam com os nativos do continente, um povo completamente distinto de tudo o que a Europa conhecia.

Hoje, sabemos que o jornalismo apresenta uma potencialidade de narrar o Outro em seus discursos, podendo ligar culturas estrangeiras de maneira propícia e saudável. Em sua pesquisa, Lobato (2017) inclusive idealiza a criação de uma poética das “narrativas de alteridade”, justamente para ressaltar que as notícias e reportagens apresentam um “papel essencial na tradução e produção de sentido a respeito de universos socioculturais e geográficos distantes e mapeando suas estruturas” (2017, p. 423). Dessa forma, as narrativas podem ser espaços capazes de contar a pluralidade de nosso planeta, abordando o estrangeirismo sem superficialidades, estereótipos ou um viés de exotismo.

Entretanto, tudo foi diferente no período dos descobrimentos. As narrativas dos navegadores, incluindo as de Colombo (1892, 2013), se mostraram muito mais como um discurso de posse (TODOROV, 2010) que difundia desconhecimento, refutava a alteridade e dava início ao silenciamento da cultura nativa de nosso continente. Em um processo que alternava entre o assimilacionismo e o desejo de extermínio, a forma em que o navegador narra os novos povos sempre desemboca em seus desejos de conquista.

## **A REPRESENTAÇÃO DO OUTRO POR COLOMBO**

De acordo com Todorov (2010), ao mesmo tempo em que Colombo (1892, 2013) descobriu a América, ele não descobriu devidamente os americanos; ou, ao menos, não



fez muita questão de entendê-los e narrá-los. Nos parágrafos a seguir, separamos trechos em que o autor descreve os povos nativos de nosso continente. Eles foram escolhidos para fazer parte do artigo por manifestarem questões de alteridade, possibilitando uma reflexão acerca de como estes retratos do Outro podem ter repercutido dentro do imaginário europeu através da visão dos navegadores.

Na primeira referência feita aos habitantes em carta enviada a Luis de Santángel, que trabalhava com as finanças dos Reis da Espanha, o navegador menciona “pequenas populações com gente a qual não podia haver fala, porque logo fugiam todos” (COLOMBO, 1892, p. 185, tradução nossa). Indevidamente, em todas as suas passagens pelo novo continente, o navegador nunca “deu voz” ao povo nativo da ilha, que hoje acredita-se que eram da etnia dos taínos<sup>2</sup>.

Se mantendo superficial, Colombo (1892, 2013) conta que, nas ilhas caribenhas, não encontrou “homens monstruosos, como muitos pensavam, mas na verdade toda gente é respeitosa” (1892, p. 191, tradução nossa). Mencionando pessoas com “conformidades lindas, que não são negros como em Guiné, exceto por seus cabelos lisos” (1892, p. 191, tradução nossa), as descrições eram majoritariamente física. Isso pode ser visto em diversos escritos do autor, que descrevia os índios como “muito bem-feitos, de corpos muito bonitos e cara muito boa; os cabelos grossos, quase como o pelo do rabo de cavalos (...) e são da cor dos canários, nem negros nem brancos” (COLOMBO, 2013, p. 44). Desse modo, representando o corpo do Outro, questões de alteridade se revelam em diversos aspectos, o que inclui a ausência de roupas no caso indígena, que foi uma das primeiras particularidades notadas pelos ibéricos.

---

Tanto no diário quanto em suas cartas, duas caracterizações caminham juntas nas primeiras alusões ao Outro: “me pareceu gente que não possuía praticamente nada” (2013, p. 44) e “andavam nus como a mãe lhes deu a luz; inclusive as mulheres” (2013, p. 44). De certa forma, a diferença nos vestuários irá contribuir diretamente para criar o espectro do Outro como seres<sup>2</sup> desprovidos de cultura, uma vez que as roupas se

---

<sup>2</sup> FONTE: NATIONAL GEOGRAPHIC. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.es/historia/2019/10/los-supervivientes-tainos-de-un-genocidio-sobre-el->

enquadram nesse processo representativo, segundo a ótica renascentista. Colombo (1892, 2013) enxerga esse fator como um indício de ingenuidade, pureza e inferioridade, também formando uma homogeneidade, pois na medida em que todos estão com a “mesma” aparência, não há como diferenciá-los. De acordo com a enunciação do navegador, o que aparenta é que a nudez representa o inverso das vestes europeias, elementos que supostamente indicam a modernidade e a evolução dos homens desde os tempos de Adão e Eva. Na cabeça dos ibéricos, essa questão projeta uma inferioridade no Outro:

A gente dessa ilha e de todas as outras que achei e tive notícia andam nus, homens e mulheres, assim como suas mães o pariram, ainda que algumas mulheres acobertam um lugar só com uma folha de erva ou com uma touca de algodão feita para isso. Eles não têm ferro, aço, nem armas, não são para isso, não porque não são gente bem disposta e de estatura agradável, exceto que temem muito as maravilhas. Não tem outras armas, exceto as armas de madeira, quando estão com sementes, a qual põe uma ponta afiada, e eles não ousam usá-las. (COLOMBO, 1892, p. 187, tradução nossa)

Se posicionando sempre à distância dos indígenas, Colombo (1892, 2013) narra a partir de suas pré-concepções: em nenhum momento ele faz algo para descobrir se o que pensa é correspondente, o que o faz ser um empirista nada moderno, de acordo com Todorov (2010). Os principais julgamentos, e também os que se mostram mais nocivos, falam sobre a dita credulidade indígena, que, para os europeus, beirava a ignorância:

E não conhecem nenhuma seita ou idolatria, exceto que todos creem que as forças e o bem estão no céu. E acreditavam fortemente que eu com estes navios e gente teria vindo do céu, e em tal conformidade me recebiam nos cabos de terras depois de terem perdido o medo. E isso não procede porque são ignorantes, exceto por engenhosidades muito sutis (...) eles nunca viram pessoas vestidas ou navios semelhantes. (COLOMBO, 1892, p. 188, tradução nossa).

Conforme notava a ausência de similaridades entre os povos, Colombo (1892, 2013) invalida a cultura e os costumes americanos. Além da nudez, isso também era descrito pelo autor durante os escambos. A troca de objetos havia sido uma das manifestações encontradas para o diálogo inicial entre os povos, assim como a gesticulação. Contudo, essas interações nunca foram interpretadas apropriadamente pelos

européus, que jamais sujeitaram a possibilidade das comunidades lidarem com valores e objetos de formas diferentes. Após algumas trocas, que pareciam inusitadas pelo enquadramento presente no discurso, Colombo taxou os americanos de “liberais” – outro contribuinte para o estereótipo da ingenuidade. Em seu discurso, o navegador conta que os índios davam as coisas que tinham, e de acordo com ele, “se pedirmos, eles jamais dizem não” (1892, p. 186, tradução nossa). Quando trocavam materiais, que obviamente tinham valores distintos entre os dois continentes, como é o caso dos minerais e do metalismo em geral, os europeus estranhavam a generosidade e achavam os índios estúpidos por saírem contentes com simples cadarços ou pedaços de vidro, conforme os relatos (1892, p. 185, tradução nossa).

Outro exemplo similar, que demonstrava que Colombo (1892, 2013) definitivamente não conseguia compreender a alteridade que se revelava, envolvia as questões de posse. Em alguns trechos das narrativas, o navegador reflete acerca da suposta falta de valorização dos bens próprios por parte dos indígenas, que compartilhavam suas habitações entre eles e se relacionavam de maneira distinta com o conceito de privado. Assim, enquanto os “liberais”, na perspectiva superficial europeia, não aparentavam fazer muita questão de delimitar propriedades, os espanhóis tomavam posse de tudo em nome da nação e do catolicismo. Por todas as ilhas onde Colombo (1892, 2013) passa, ele sente a necessidade de batizá-las, promovendo uma cerimônia religiosa nas novas terras — o que também é visível na chegada lusitana ao Brasil em 1500 e em outras circunstâncias das Grandes Navegações.

Diante disso, a narrativa com traços jornalísticos do navegador representa o Outro como se ele fosse apenas uma fachada, completamente vazia e desprovida de cultura. Não à toa, o que aparenta é que, em seu discurso, o genovês trata o povo indígena como parte do ambiente, e assim o descreve como se relatasse superficialmente palmeiras ou papagaios: “dado a este desconhecimento da cultura dos índios e sua assimilação à natureza, não se pode esperar encontrar nos escritos de Colombo descrições detalhadas da população” (TODOROV, 2010, p. 50).

Esse assunto gera uma problemática grave imediata, e conforme a narrativa de

Colombo (1892, 2013) avança, pode-se tentar compreender muito dos ocorridos dos séculos seguintes, como o terrível genocídio dos nativos mesoamericanos. Afinal, será a partir desse posicionamento inicial, narrado pelo descobridor, que serão pré-determinados e configurados as primeiras impressões europeias sobre a América, repletas de estereótipos e superficialidade. Os textos passam a impressão de que, ao colonizarem os americanos, os ibéricos poderiam “salvar” os indígenas da vida “ingênua” e “vazia”, projetando os valores socioculturais europeus, especialmente a fé cristã e os costumes, pois, segundo o navegador, “estes índios são dóceis e bons para receber ordens e fazê-los trabalhar, semear e tudo o mais que for preciso, e para construir povoados, e aprender a andar vestidos e a seguir nossos costumes” (COLOMBO, 2013, p. 76).

Para Todorov (2010), que entende a narrativa como o espaço em que o “eu” europeu entra em contato com o “Outro” americano, diversas questões sociais importantes podem ser refletidas a partir dos textos. Desse modo, ele identifica dois posicionamentos claros na hermenêutica dos descobrimentos, que apesar de serem distintos, surgem de um mesmo fator, que é o desejo de invalidar a outra cultura e causar o silenciamento, sem dar espaço para ela prosperar:

A atitude de Colombo para com os índios decorre da percepção que tem deles. Podemos distinguir, nesta última, duas componentes, que continuarão presentes até o século seguinte e, praticamente, até nossos dias, em todo o colonizador diante do colonizado. Estas duas atitudes já tinham sido observadas na relação de Colombo com a língua do outro. Ou ele pensa que os índios (apesar de não utilizar estes termos) são seres completamente humanos com os mesmos direitos que ele, e aí considera-os não somente iguais, mas idênticos e este comportamento desemboca no assimilacionismo, na projeção de seus próprios valores sobre os outros ou então parte da diferença, que é imediatamente traduzida em termos de superioridade e inferioridade (no caso, obviamente, são os índios os inferiores): recusa a existência de uma substância humana realmente outra, que possa não ser meramente um estado imperfeito de si mesmo. (TODOROV, 2010, p. 58)

O texto de Colombo (1892, 2013) explicita o desejo do navegador, que naquele momento figurava muito mais como um “conquistador”. De acordo com Todorov (2010, p. 69), “a alteridade humana é simultaneamente revelada e recusada” na medida em que os europeus farão de tudo para contornar o suposto exotismo dos americanos, não



aceitando a possibilidade de existirem essências civilizacionais distintas. Nos anos seguintes ao descobrimento, primeiro os colonizadores desejam catequizar os indígenas, justamente para apagar todos os seus rituais antigos e assim assimilá-los aos padrões da Europa ocidental; e em seguida, como resultado das dificuldades nos planos de incorporação do catolicismo, irá surgir a percepção de que os nativos deveriam ser escravizados, o que conseqüentemente desemboca no extermínio.

Com essas características, desejos e desinformações, as notícias primitivas de Colombo (1892, 2013) se propagam pelo continente e não convidam os leitores a conhecerem os povos nativos da América devidamente. Entende-se, por trás dos discursos, que a ótica colonizadora enxergava no Outro a possibilidade de projetar os próprios seus valores:

Os europeus já haviam descoberto outros povos, línguas, culturas, religiões, mas não um homem como o homem americano. O homem moderno descobre o novo, o outro da humanidade que estavam construindo, a alteridade do homem moderno. Um homem em quem a história ainda não havia sido escrita – papel em branco, tábula rasa, pedra em banco –, daí a possibilidade de ser discursivizado conforme o imaginário europeu. Dessa maneira, o silenciamento constituiu o homem da terra desde o primeiro contato com o homem europeu; antes de serem descritos como tal, foram catalogados como passíveis de conversão. (PAIM, 2010, p. 15)

Desse modo, os nativos americanos eram pautados e construídos na memória coletiva textual, que lentamente surgia na transição entre os séculos XV e XVI em um cenário de pré-globalização. Para entendermos como o início desse imaginário começou a ser esculpido, iremos visualizar os textos do navegador enquanto narrativas, que, com suas operações, possuam notável capacidade de serem espaços de produção e circulação de sentidos.

## **PRIMÓRDIOS DA CIRCULAÇÃO DE SENTIDOS TEXTUAL**

Como mencionado, o período das Grandes Navegações se mostrou único no campo de estudos textuais por dois fatores: primeiro, houve o surgimento de uma nova

literatura que se aproximava do jornalismo em muitos aspectos, com uma maior velocidade informativa, caráter de atualidade e o interesse de representar os acontecimentos das viagens. Segundo, por causa da invenção da prensa de tipos móveis, realizada por Johannes Gutenberg, que permitia a impressão dos textos com a arte tipográfica. Com a combinação dos dois fatores, o velho continente se via cada vez mais diante de um novo horizonte, não só geográfico, mas também cognitivo. O imaginário da modernidade era abastecido com as narrativas testemunhais dos navegadores, que, em algumas situações, se pareciam com “repórteres pré-jornalísticos”, pois eram figuras públicas que faziam a mediação entre os acontecimentos e o público com o intuito de informar. A formação de uma memória coletiva, por uma via tipográfica, foi possível graças à capacidade narrativista de ser um local de produção e circulação de sentidos. Para entendermos mais sobre isso, foi realizada uma revisão literária sobre o assunto, analisando autores como Lobato (2017), Resende (2009, 2011) e Motta (2005, 2008) e Ricoeur (2007) em busca de especificações teóricas sobre o formato narrativo e suas operações simbólicas, especialmente as que se relacionam com o jornalismo.

Longe de ser uma problemática exclusivamente linguística, as narrativas são espaços encontrados pelo homem para atribuir nexos e inserir percepções no desenlace de suas vidas. Ora, contamos histórias, pois é um impulso que deseja configurar e difundir a existência de acontecimentos e sujeitos; da mesma forma, as lemos ou ouvimos para acompanhar e ordenar as experiências da vida. É através dela que tomamos conhecimento sobre o mundo, com enquadramentos que só são possíveis pelo ato de narrar:

Aferimos que discursos e narrativas são, enfim, meios de emoldurar as experiências humanas e definir aquilo que, delas, tornar-se-á acessível aos interlocutores das relações em que eles circulam. Ao dar ordem e sentido aos fenômenos, todo enunciado é campo privilegiado de ordenamento e disciplinarização da experiência. Somos intimados a conhecer o mundo por meio daquilo que ouvimos e falamos sobre ele. (LOBATO, 2017, p. 33)

Dentro desse cenário que aborda a questão dos sentidos, é interessante perceber como alguns conceitos trabalhados por Paul Ricoeur (2007) podem ser aplicados, como

as capacidades de reconfiguração do círculo hermenêutico do leitor. Para o filósofo, é nas narrativas que o ser humano encontra referências e sentidos que o permitem ordenar sua vida de maneira simbólica, estrutural e temporal. Isso acontece pois os textos funcionam como estruturas mediadoras, com experiências que são julgadas a partir de nossas pré-configurações e resultam em novos ideais com o fim do processo. Assim, o contato com as narrativas modela imaginários e forma novas concepções sobre o mundo, o que faz o ciclo hermenêutico recomeçar de maneira saudável.

Quando falamos de narrativas no geral, que é o que trata a abordagem de Ricoeur (2007), temos espaço também para o jornalismo, um local prolífico para a narratividade. Com notícias e reportagens, a prática faz a mediação simbólica entre os ocorridos ao redor do globo e seus habitantes, permitindo a reformulação de nossos valores periodicamente:

Ricoeur abre uma trilha que põe a narrativa no campo dos atos de fala e das relações pragmáticas. Desde essa perspectiva antropológica, o jornalismo configura (...) narrativas de experimentação ética e moral, revelando-se como uma via de reconfiguração da cultura contemporânea. Essa reconfiguração se realiza nos atos de leitura das notícias de cada dia quando o leitor, ouvinte ou telespectador criativamente reinterpreta, sob o mesmo fundo cultural do autor (do comunicador/jornalista), o percurso de representação dos dramas e tragédias do homem moderno. Assim, ele apreende e compreende o mundo situando-se nele a partir de sua coetaneidade com os acontecimentos jornalísticos. (MOTTA,2008, p. 5)

Para Resende (2011), o jornalismo também pode ser visualizado como um conjunto de problemas, orientações, intenções e dizeres, que, pela via do discurso, dá a ver o possível do mundo. Ainda de acordo com o pesquisador, a condição da narrativa enquanto produtora de sentidos também implica em entendê-la como um lugar de produção de conhecimento; afinal,são elas que nos permitirão compreender o mundo e seus sujeitos a partir do ato da leitura.Diante disso, as intrigas jornalísticas vão além de seus discursos, sendo práticas sociais e culturais que ordenam a realidade a partir do que elas desejam mostrar. Para Motta (2005, 2008), cabe às narrativas a nada simples tarefa de traduzir o mundo para o leitor, por via dos sentidos e do conhecimento exibido.

A intenção de trazer tais autores para o trabalho se situa em idealizar o potencial

impacto das cartas e diários de Colombo (1892, 2013) nos séculos XV e XVI. Se pensarmos nos materiais com suas características de jornalismo, ou seja, como protótipos de notícias que queriam representar realidades, com informações sobre os acontecimentos do mundo e seus habitantes, temos, automaticamente, uma instância social e cultural:

O ato de recepção das notícias deve ser visto como uma experiência estética: um momento cognitivo em que os homens aprendem algo de si mesmos e de sua realidade, mas também um momento de branda ou intensa comoção simbólica e estética, dependendo de cada notícia e circunstância de recepção. Um lugar onde os homens percebem e simultaneamente experimentam o mundo recriando criativamente acontecimentos temáticos significativos. (MOTTA, 2008, p. 7)

Com o material de Colombo (1892, 2013) em circulação, temos cargas de sentidos, como as sinalizadas por Todorov (2010), que propagam uma representação do Outro indígena completamente indevida. O genocídio, que seria firmado nos anos posteriores com conquistadores como Hernan Cortéz, começa com o narrar de Colombo (1892, 2013), que ganha proporções pré-jornalísticas na medida em que as narrativas ganham distribuição noticiosa. Com ordens e desordens, as narrativas dão a ver o possível do mundo para os europeus, mas são compreensões plenas de aprisionamentos e potencialidades funestas.

Assim, a imagem do indígena americano é construída com o testemunho do descobrimento, e na medida em que Colombo (1892, 2013) se posiciona à distância, é possível ver como o caráter de exotismo toma conta: o Outro não é descoberto e é abordado com características como a ingenuidade e a credulidade, o que passa a impressão de que a cultura alheia é inválida. Com isso, estereótipos e preconceitos são criados antes mesmo dos povos americanos terem a possibilidade de mostrar sua verdadeira identidade. Sempre superficial, o navegador cria o visual de “bons selvagens”, generosos e com corpos bonitos, mas sempre “pessoas que melhor se entregariam e converteriam à nossa fé pelo amor e não pela força” (COLOMBO, 2013, p. 44). Rapidamente, a Europa foi tomada pelo imaginário do exotismo dos americanos, vistos como estrangeiros distantes e sem oportunidade de fala ou representação devida, com



preconceitos que, infelizmente, circulam até hoje.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS E REFLEXÕES ENTRE ONTEM E HOJE**

É inegável que, ao tratarmos do tema em um resgate histórico, muitas situações vigentes vêm à tona, tanto na ambientação jornalística quanto antropológica. Provavelmente, isso ocorra por ser um dos infinitos proveitos de se estudar o passado: ativar reflexões atemporais. Envolvendo os autores e temas que vimos até agora – Todorov (2010) e a questão do Outro, o desenvolvimento histórico do jornalismo de Marques de Melo (2012), Sousa (2008) e Guirado (2001) e os poderes da narrativa de Resende (2009, 2011), Motta (2005, 2008), Ricoeur (2007) e Lobato (2017) –, uma questão se revela: e o jornalismo de hoje, como as suas narrativas tratam a questão do Outro, especialmente as que envolvem a alteridade dos povos nativos? Embora essa questão mereça por si só um estudo ampliado, a abordagem irá nos ajudar a construir um espaço de conclusão e reflexão, dado que é uma questão de extrema relevância.

Das Grandes Navegações para cá, obviamente muita coisa mudou: após séculos de colonização, a sociedade se encontra em outro cenário. O formato noticioso se transfigurou e adquiriu novos contornos da mesma maneira, ganhando atributos como a objetividade, uma circulação massiva e a profissionalização, também fundamentando-se como um espaço prolífico para as representações sociais. Assim, independentemente do gênero em que os acontecimentos se materializam, o discurso informativo incorpora outras culturas com suas mediações ao representar a ação do homem na terra, seja em maior ou menor profundidade.

A abordagem que buscamos nessa reflexão final é sobre os pré-julgamentos que podem ainda operar nas narrativas contemporâneas, particularmente as que cobrem as culturas nativas dentro do jornalismo brasileiro. É preciso ressaltar que este exercício ponderativo se distingue em muitos aspectos quanto à análise anterior das narrativas de Colombo (1892, 2013), tanto de maneira temporal, pois acumula mais de 500 anos de diferença, quanto geográfica, visto que o continente americano contém uma pluralidade vasta de etnias indígenas; assim, enquanto o navegador narrava os povos

mesoamericanos, como os taínos, estes estudos tratam de culturas do Brasil. Portanto, o exercício tem diferenças e similitudes em muitos aspectos, mas ele é completamente correspondente em só um deles: são narrativas onde o “eu” narra o “Outro”, como prima Todorov (2010).

Para delimitarmos o tópico, trataremos de estudos sobre o jornalismo brasileiro e sua relação com as descrições socioculturais. Com isso, realizou-se uma revisão literária narrativa a partir de buscas na base de dados do Google Acadêmico, que sinalizou artigos e trabalhos que abordam a imagem do índio na mídia nacional. Para tanto, escolhemos quatro trabalhos que dialogam bem com o assunto e são produções diversificadas.

Marina Gomes (2011, 2017), por exemplo, realizou um estudo sobre a cobertura dos Jogos Tradicionais Indígenas por parte de diferentes veículos de imprensa entre 1996 e 2009. Embora o evento tenha caráter celebrativo, sendo um espaço importante onde muitas etnias se reúnem para celebrar a memória cultural dos povos brasileiros, ele não costuma ser retratado adequadamente nos meios de comunicação. De acordo com a autora, é comum encontrar descrições de costumes indígenas com tons desrespeitosos, jocosos e anedóticos nas matérias sobre as provas. Nesses casos, as notícias são pautadas exclusivamente pelo exotismo: “infelizmente, o que vemos na mídia é uma cobertura escassa, não objetiva nem isenta, e que tenta trazer o pitoresco, o inusitado, o diferente, sem respeitar ou entender as tradições.” (GOMES, 2017, on-line).

Outro trabalho que revela interfaces do etnocentrismo no jornalismo brasileiro foi escrito por Batista, Silva e Simas (2015), que acreditam que a mídia reforça a ideologia dominante e assim opera com estereótipos em certas ocasiões. Há um tópico específico em que isso se manifesta, que é o enquadramento que coloca os índios brasileiros na contramão do desenvolvimento da sociedade, trazendo “a imagem do indígena como selvagem, não civilizado e ser vivente ainda como em idos de 500.” (BATISTA; SILVA; SIMAS, 2015, p. 145). É comum notar a presença de notícias em que os nativos aparentam ser um obstáculo para o progresso socioeconômico, apenas por estarem ocupando terras ou protestando contra obras que estão invadindo o seu espaço, como o recente caso da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, que afetou mais de uma dezena de

etnias que habitam as proximidades do Rio Xingu. Ao serem taxados como avessos às atividades que hoje são consideradas lucrativas, eles são ligados ao exotismo por serem “primitivos”, aparecendo nas notícias e reportagens como seres isolados, desconhecidos, ignorantes e não-civilizados, que atrapalham o progresso:

Na postura ideológica predominante, os índios não contam para o futuro, já que são considerados uma excrescência arcaica, ainda que teimosa, de uma ‘pré-brasilidade’, ou seja, esse discurso hegemônico sobre os indígenas tende a ser reforçada pela mídia, sendo um obstáculo ao processo de valorização dos povos nativos. (BATISTA; SILVA; SIMAS, 2015, p. 145)

Ainda de acordo com o trabalho, um erro frequente do jornalismo brasileiro reside em não dar voz ao indígena nas matérias. Ao não ser consultado ou propriamente entrevistado, o povo tem sua imagem apagada e suas opiniões silenciadas. Isso também é percebido por Mendes (2019), que estuda as representações dos povos nativos do Acre em matérias on-line. Segundo seu estudo, é notável que os veículos preferem consultar outras fontes, como as oficiais, do que os próprios indígenas, que poderiam representar ou opinar sobre o tema de maneira mais adequada.

Mendes (2019) também enxerga outro ponto que é perpetuado nos discursos midiáticos: o tratamento homogeneizado. Nas matérias, raramente as etnias são devidamente identificadas, o que complica a visibilização das identidades singulares. Como se sabe, nosso continente conta com uma pluralidade enorme de povos; somente o Acre, por exemplo, abriga dezoito etnias<sup>3</sup> e mais de duzentas aldeias. Mas, o que a pesquisadora enxerga no jornalismo são generalizações, em que todos os índios são tratados como iguais, independentemente da localização. O estereótipo é geral, o que pode ser visto nas notícias sobre os povos do norte do país, onde todos aqueles que habitam as proximidades da Floresta Amazônica são iguais, extravagantes e misteriosos como um todo.

Isso também é visto por Melo (2008), que entende que boa parte das

---

<sup>3</sup> FONTE: NOTÍCIAS DO ACRE. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/acre-concentra-vasta-diversidade-de-povos-indigenas/>. Acessado em 20 de abril de 2021.

generalizações e estereótipos são resultados da falta de aproximação do jornalismo brasileiro à realidade indígena, apresentando superficialidade ao longo das notícias e reportagens. Ou seja, algo a ser refletido quanto à prática jornalística, que prefere dar sua versão dos acontecimentos sempre distantes dos sujeitos em pauta, com enquadramentos indevidos.

---

Estas são algumas das múltiplas abordagens que podem e devem ser feitas sobre a questão da alteridade indígena nas narrativas atuais. Diante disso, o imaginário que se tem hoje no Brasil se mostra similar em muitos aspectos aos narrados nos idos dos séculos XV e XVI, o que faz-nos refletir: ao que aparenta, os estereótipos dos povos nativos da América não estão sendo construídos, mas sim, reforçados. Colombo (1892, 2013) também entende o Outro como selvagem, ingênuo e crédulo, se situando avesso ao progresso na medida em que não usa roupa e “está no caminho” dos conquistadores, que buscam riquezas em suas terras. Da mesma forma, ele entende que todas as etnias são praticamente iguais, afinal, todos estão nus e não traçam limites sociais e privados. Sem voz, os índios e suas culturas são reduzidas ao exotismo por estarem fora dos padrões colonizadores, e sequer são abordados.

Com isso, compreendemos que os textos pré-jornalísticos de Colombo (1892, 2013), em circulação desde o final do século XV, sedimentaram os primeiros sentidos sobre os povos do continente americano. Sentidos que, aparentemente, ainda habitam nosso imaginário e meios de comunicação, mesmo depois de tanto tempo:

Num movimento de sentidos que retorna ao europeu, o discurso das descobertas constitui-se como fundador de sentidos para uma sociedade como a nossa, sentidos com efeito do permanente, sentidos evidentes, aos quais o sujeito do discurso deve referir-se para constituir o seu dizer. Esse é o domínio do interdiscurso, da ideologia, da história. (PAIM, 2010, p. 19)

O presente artigo, que reflete acerca das origens jornalísticas e da capacidade da narrativa de produzir sentidos, entende que o olhar retrospectivo nos permite enxergar traços do passado no presente. Da mesma forma em que as narrativas pré-jornalísticas das Grandes Navegações difundiram estereótipos sobre os povos indígenas, pode-se ver



como alguns discursos ainda os mantêm vivos. Assim, infelizmente, certos enquadramentos do descobrimento se repetem periodicamente, silenciando as diversas culturas nativas da Américas, que desde os tempos de Colombo (1892, 2013), não são representadas propriamente nas tessituras de sentidos de muitas narrativas.

## REFERÊNCIAS

BATISTA, D. N. ; SILVA, L. W. A. ; SIMAS, H. C. P. . O Outro Lado do Índio: Representações Sociais na Mídia. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 6, p. Artigo 8-141, 2015.

COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**: as quatro viagens e o testamento, Tradução de Milton Persson. Porto Alegre. L&PM, 2013.

COLOMBO, Cristóvão. **Relaciones y cartas de Cristóbal Colón**. Madrid, Librería de Hernando y Cº, 1892. Reprodução digital: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes.. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcdj5b9>. Acesso em: 20 de abril de 2021

EDNEY, Matthew H. **Columbus's First Letter**. Its Diffusion through Europe, 1493-1497. Universidade de Southern Maine, 1996.

GOMES, Marina. Jogos indígenas em pauta: O índio retratado na imprensa brasileira. In: CAMARGO, V. R. T.; ROCHA-FERREIRA, M. B.; SIMSON, O.M. (Org.). **Jogo, Celebração, Memória e Identidade**: Reconstrução da Trajetória de Criação, Implementação e Difusão dos Jogos Indígenas no Brasil (1996-2009). 1ed.Campinas: Curt Nimuendajú, 2011, v. 1, p. 95-107.

GOMES, Marina. OS JOGOS TRADICIONAIS E A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA INDÍGENA. **Revista ComCiência**, Dossiê Povos Tradicionais; nov-2017.

GUIRADO, Maria Cecília. Relatos do descobrimento do Brasil – as primeiras reportagens. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

HOHLFELDT, A. As origens antigas: a comunicação e as civilizações, in HOHLFELDT, A.; MARTINO, L. C. e FRANÇA, V. V. (Orgs.). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes: 2001.

LOBATO, J. A. M. **A alteridade na ficção seriada e na grande reportagem**: um estudo sobre as estratégias de representação do outro na narrativa televisual brasileira. Tese de

Doutorado – Programa de pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM-USP), São Paulo, 2017.

MARQUES DE MELO, José. **História do Jornalismo**: itinerário crítico, mosaico contextual. São Paulo: Paulus, 2012.

MELO, P. B. **O índio na mídia**: discurso e representação social. Observadordeste, Recife, p. 1 -1, 10 fev. 2008. Disponível:  
<<http://www.fundaj.gov.br/images/stories/observadordeste/indio.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2021.

MENDES, F. M. M.. Jornalismo e representações: um estudo sobre os povos indígenas no G1/Acre (2013 a 2018). **MOARA**, v. 1, p. 378-394, 2019.

MOTTA, L. G. F.. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Contracampo** (UFF), Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 23-49, 2005.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativa jornalística e conhecimento imediato de mundo: construção cognitiva da história do presente. **Comunicação&Política**. v 24, n. 3., p 46-70. Porto Alegre, UFRGS, 2008.

PAIM, Zélia Maria Viana. O outro que nos conta: modos de tomar posse. **Revista VEREDAS**, v.14, n. 2, 2010.

RESENDE, F. A.. O jornalismo e suas narrativas: as brechas do discurso e suas possibilidades de encontro. **Galáxia** (PUCSP), v. 18, p. 31-43, 2009.

RESENDE, F. A.. Às desordens e aos sentidos: a narrativa como problema de pesquisa. In: Gislene Silva; Dimas Künsch; Christa Berger; Afonso Albuquerque. (Org.). **Jornalismo Contemporâneo**: figurações, impasses e perspectivas. 1ed. Salvador: Edufba, 2011, v. , p. 119-138.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**: a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, v. 1, 2010.

SCHWAAB, Reges, ZAMIN, Angela. **O jornalista e o outro**: sobre os vestígios da sondagem e da escrita. SBPJor, 2015.

SOUSA, Jorge Pedro (2008), **Uma história breve do jornalismo no ocidente**. Em: Jornalismo, história, teoria e metodologia – perspectivas luso-brasileiras, Porto, Universidade Fernando Pessoa.



# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

ISSN 2358-212X

TENGARRINHA, José. **Nova História da Imprensa Portuguesa: das origens a 1865.** 1ª ed. Lisboa: Editora Temas e Debates, 2013.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** 4ª ed - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

**Recebido em 20 de abril de 2021.**

**Aprovado em 31 de maio de 2021.**